Entrevista com Michel Riaudel

John Milton, Marina Della Valle e Telma Franco

O professor francês Michel Riaudel é um confesso apaixonado pela língua portuguesa e especialmente por poesia brasileira. Essa atração acabou fatalmente por conduzi-lo a Ana Cristina Cesar, como nos conta, num português impecável, nesta entrevista que ele gentilmente nos cedeu em meio aos últimos preparativos para defesa de sua tese de doutorado sobre Ana C., na primeira semana de dezembro de 2007.

O que o motivou a fazer de Ana C. seu objeto de estudo? Como a "descobriu"?

Desde que pisei no Brasil e na língua portuguesa, por assim dizer, me interessei pela poesia brasileira. No entanto, confesso que demorei um pouco a entrar na obra da Ana Cristina Cesar, que li num primeiro momento de forma superficial, talvez até preconceituosa: de um lado vítima dos hábitos clássicos de leitura, desprezando a superficialidade "marginal", o tom confessional sem distância, pouco exigente... Por outro lado, o texto não deixava de instigar. Ensaiando algumas traduções de seus poemas, com uma amiga, Pauline Alphen, fui descobrindo aos poucos toda a sutileza do texto, o humor, os "segredos"... Ainda hoje, depois de anos de convívio com essa obra, ela continua me surpreendendo e me comovendo. Um texto como *Luvas de Pelica*, que parece à primeira vis-

ta um jorro caótico, descontrolado, se revela na verdade extremamente planificado, organizado, e repleto de referências aos autores que ela lia. Basta fazer um levantamento das variações entre as edições "marginais" de *Cenas de Abril, Correspondência Completa* e *Luvas de Pelica*, e a reedição desses textos em *A Teus Pés* (Brasiliense, 1982) para se convencer do esmero meticuloso dessa escrita, nem um pouco displicente.

No entanto, quando falo da poesia da Ana Cristina, ainda hoje, continuo muitas vezes esbarrando com certas resistências: ou uma certa desqualificação achando se tratar de uma poesia barata (avaliação que abarca toda a poesia "marginal", mas que precisa ser reconsiderada com leituras detalhadas, diferenciadas), ou uma certa apreensão causada pelo aspecto desconcertante dos textos. Houve trabalhos pioneiros, como o artigo de Silviano Santiago ("Singular e Anônimo") ou a tese de Maria Lúcia de Barros Camargo; continua se publicando e se estudando muito essa obra, porém me parece que a poesia da Ana Cristina ainda não foi posta no seu devido lugar, de excelência, de grande novidade e inventividade.

Em sua obra poética, Ana C. dialoga com obras de autores que traduziu e mesmo com traduções alheias. Como os estudos de tradução afetaram a obra da poeta?

Esse é um aspecto central da minha leitura. Por um lado, a trajetória da Ana Cristina Cesar mostra que ela sempre se interessou pela questão da tradução, de vários ângulos. Circulando com desenvoltura em diversas línguas, em primeiro lugar o inglês, mas também o francês... Ela chegou a dar aulas de inglês no segundo grau. Traduzindo... As traduções vão de obras técnicas (incluindo o *Relatório Hite Sobre a Sexualidade Feminina*), críticas, ensaios, até a prosa ("Bliss") e a poesia. Ela contribuiu com algumas antologias, sem se deter numa obra completa, de forma sistemática. Acho que, passa-

dos os primeiros momentos, ela não se enveredava para um estatuto de tradutora profissional, mas traduzia pelo prazer, pelo interesse por tal ou tal autor.

Isso se acompanha de uma verdadeira reflexão, de "pensamentos sublimes sobre o ato de traduzir". Uma reflexão sempre relacionada a uma prática, a um exercício, uma leitura de traduções alheias. E Ana Cristina é uma exímia leitora... Quando ela vai para a Inglaterra pela segunda vez, em 1979, tem em mente fazer um curso sobre sociologia da literatura, mas logo se desencanta e acaba se dedicando a um *Master of Arts* sobre a tradução literária, que ela vai levar muito a sério.

A tradução está na encruzilhada da leitura e da criação, da interpretação e da invenção, é um espaço dúbio, ambíguo, entre línguas, identidades... Acho que isso a fascinava. Os artigos que ela escreve depois de sua volta ao Brasil, a partir de 1981, na "Veja", na "Isto É", têm muitas vezes a ver com esse foco. É preciso lembrar também que um dos últimos desempenhos acadêmicos em que ela investe é justamente a preparação, em 1983, de um curso sobre tradução poética para a PUC do Rio. O curso infelizmente nunca acontecerá, mas as notas preparatórias que ela deixou demonstram o quanto ela tem uma perspectiva rica, não normativa, mas sempre preocupada em entender a lógica, o projeto – Antoine Berman diria: o "horizonte" – que se encontra por trás de tal ou tal versão.

Todas essas questões não ficam esperando na porta da consciência, na hora em que ela mesma compõe suas poesias. Pelo contrário, elas alimentam e animam o gesto criador. Acho que em *A Teus Pés* não deve se encontrar um poema que não dialoga com outros textos, de uma forma ou de outra. A poesia dela é marcada por leituras, momentos de emoção, de sedução pelos autores prediletos. Mas esse é apenas o primeiro movimento de um moto quase contínuo em que ela mesma seduz o texto alheio e o desvia de sua rota inicial. Ele sofre com ela uma resubjetivização, que o enriquece mais do que o trai. Ela escreve de forma muito pessoal, em parte com a voz dos outros. Claro que não se trata de plágio nenhum, mas de

um impressionante trabalho de criação e de diálogo, mantendo a literatura sempre viva. De modo que a sedução continua cultivada na relação do texto dela com o leitor...

Há casos dentro da obra de Ana C. em que traduções (feitas por ela) se tornaram base para poemas e outros em que o trabalho de tradução em si é tornado em tema (como a discussão em torno da palavra bliss, *nome do conto de Katherine Mansfield traduzido pela poeta). Como se dá a passagem de tradução para apropriação e transformação pela autora? Podemos dizer que os processos de tradução e de criação se misturam nesse caso?*

Acho que já respondi em parte, mas vamos tentar aprofundar um pouco a questão. Por que considerar esse eixo da tradução como uma entrada possível e mesmo estruturante dessa obra poética? Por dois motivos. Um tem a ver com certa hermenêutica da poesia da Ana Cristina Cesar: localizar as alusões, os empréstimos, as citações... e sobretudo interpretá-las dentro da economia do seu poema. O outro diz respeito ao melhor entendimento do que é uma tradução.

Não pretendo assim dizer que o uso da "tradução" na obra poética da Ana Cristina é mesmo tradução no sentido estrito, ortodoxo. Mas abandonando as metas "óbvias" da tradução, ela acaba revelando e explorando aspectos muitas vezes recalcados do que é traduzir. A reflexão sobre a tradução se prende muitas vezes à problemática da fidelidade, do certo, quando não se trata da sacralização do original. Ana Cristina não desconhece essas questões, mas ela propõe que, em certos momentos, a postura ética seja colocada entre parênteses para considerar outros aspectos.

Um deles tem a ver com a questão da legibilidade: uma tradução deve supostamente tornar legível um texto estrangeiro. Porém casos como o "homem dos lobos", analisado por Freud, mostram que há na tradução um processo de codificação que Ana Cristina usa para esconder: escrever "galeria nacional" em vez de National

Gallery torna a rigor irreconhecível o famoso museu de Londres. A tradução está a serviço de um logro e não de uma clarificação, ela engana o leitor, o desorienta... dificultando a identificação do quadro de Tintoretto, *A Origem da Via Láctea*, descrito uma linhas depois como ilustração de uma cena erótica.

Isso traz à tona o fato de que a operação de traduzir consiste fundamentalmente um deslocamento de significantes, do qual sabemos que o significado nunca sai ileso, mas que envolve, portanto, a questão do desejo. De fato a poesia de Ana Cristina explora particularmente esses deslocamentos, que têm mais a ver com a metonímia do que com a metáfora, com a relação de contigüidade do que com a relação de semelhança. A imagem, a analogia, a metáfora envolvem os significados: o referente comparado, o referente comparando e um terceiro elemento, o ponto comum, a motivação da figura, que de certo modo autoriza, fundamenta e transcende os dois outros. Trata-se de uma figura condicionada por certa verticalidade. A metonímia é o contrário, horizontal, sem terceiro elemento, de proximidade sonora, gráfica, espacial, lógica (de causa ou de efeito).

O interessante é que essa oposição (que não se trata de uma dicotomia rígida, mas orienta um estilo) é aprofundada pela psicanálise; por Lacan em particular, que liga o processo metafórico ao sintoma, e o processo metonímico ao desejo, correndo de objeto em objeto sem parar.

Os jogos de citações de Ana Cristina são de fato muito mais complexos do que a importação de um "original". Quando alude, em"21 de Fevereiro" (*Cenas de Abril*), ao poema "Recueillement", de Baudelaire ("Sois sage, ô ma douleur, et tiens-toi plus tranquille"), é passando pelo Mário de Andrade que já o parodiou. Quando deturpa o famoso verso de "Au lecteur" das *Flores do Mal*, "Hypocrite lecteur, - mon semblable, - mon frère!" em "É para você que escrevo, hipócrita. / Para você — sou eu que te seguro os ombros e grito verdades nos ouvidos, no último momento." ("Fogo do Final"), é in-

cluindo também a citação desse mesmo verso pelo T. S. Eliot. A citação, no caso da Ana Cristina, corre de voz em voz, de objeto em objeto, de uma língua à outra, instalando um texto literalmente labiríntico ou vertiginoso em que o leitor está amarrado nessa busca incessante de um ponto de partida ou de chegada.

Trata-se de um uso muito especial da tradução, sem dúvida, mas que se fundamenta numa intuição de peso: que a tradução não é de ordem mecânica, assim como Descartes definia as coisas na sua extensão, mas é antes de mais nada uma força, uma potência em ação. Digamos que ela estaria do lado de Leibniz, na disputa com o filósofo francês. Não só nessa dimensão de força, mas como forma de repetição onde trabalha a diferença. A tradução é um fato, um ato de "transferência", inclusive no sentido psicanalítico, operada pela consciência *e* o não pensado. Os tradutores sabem disso por experiência, tendo de estar sempre vigilantes diante não só de suas ignorâncias, mas também de suas "distrações", atos falhos... E por outro lado, a tradução nunca é e nunca será cópia do "original", ela é movida por um diferencial que é, digamos, o espaço do tradutor e o lugar do significante. A poeta Ana Cristina vai de novo explorar esses aspectos "vergonhosos", recalcados da tradução, a serviço da criação poética, deixando margem à paixão por leituras dentro de uma vigilância rigorosa de sua escrita.

Ele conjuga perfeitamente as "pulsões", o expressionismo dos afetos, com esse aspecto planificado que passa despercebido à primeira leitura, porque o texto é levado por uma excitação irresistível. É o que vemos na relação aparentemente quase fusional com Katherine Mansfield e a obra dela, em particular "Bliss" naturalmente. Num estudo detalhado de *Luvas de Pelica* com a obra íntima e ficcional da neozelandesa, procurei mostrar todos os pontos de contato. Mas isso não deve se interpretar com uma identificação cega, pelo contrário. A introjeção é um jogo, uma brincadeira, rica de significações como todas as brincadeiras, mas também com muito humor e distância crítica, poética. Assim, todo o trecho dedicado ao

enterro de "KM"[2], completamente surpreendente e rompendo até com o resto do texto, é uma reescrita ao mesmo tempo cômica e comovente de um capítulo das memórias de "LM" (Ida Baker), texto ingênuo, de uma pessoa singela e, no entanto, muito sincera, que acompanhou Katherine Mansfield desde seu primeiro período inglês...

Este número da **Cadernos** *reúne mulheres em tradução. O número de colaboradoras superou, e muito, o de colaboradores, o que pode sugerir que mulheres ainda são lidas especialmente por mulheres, o que por sua vez nos leva a "Literatura e Mulher", de Ana Cristina: "Essa discussão toda [sobre literatura feminina] não fica tão rapidamente anacrônica". A questão levantada por Ana ainda tem tanta razão de ser hoje quanto tinha há 25 anos?*

A fórmula "literatura feminina" é uma vasta questão e um grande problema. Ela interessava muito a Ana Cristina, acho que além do contexto feminista dos anos 70. Ela tem uma história pela qual Ana Cristina se interessou sem conclusões definitivas nem radicais. Por um lado, ela dizia que Cecília Meirelles na verdade escrevia que nem homem... Isto é, o cunho "feminino" de uma escrita era para ela mais complicado que o sexo do autor. Mas, na conversa que ela tem com os alunos de Beatriz Resende, em 1983, ela indica claramente que ela joga com os atributos convencionais (que a convenção determinou, portanto não falamos em essência) da literatura feminina: certa intimidade, a correspondência, o culto do segredo etc., assim como o trabalho de transgressão, de provocação que ela experimenta desde *Cenas de Abril*.

Seguramente os tempos mudaram: se as questões permanecem, com toda a sua instigação, elas vêm se reformulando. Acho que dificilmente se pode enquadrar uma escrita como "feminina"

---

2 "Primeira Tradução"; veja Anexo Ilustrativo a seguir.

ou "masculina", além de tendências, de intuições, que aliás envolvem as ideologias do momento, a idéia que se faz daquilo que é homem ou mulher, o masculino e o feminino enquanto construção social... Com certeza a inventiva Ana Cristina, que detestava o "politicamente correto", teria outra contribuição a trazer ao debate. O que não podemos fazer no lugar dela.

Anexo ilustrativo dos jogos de citações de Ana Cristina

Afterwards é trecho de um livro escrito por Ida Baker, amiga de Katherine Mansfield, em que ela relata o desenrolar dos eventos após a morte de Katherine. *Epílogo* é o mesmo trecho traduzido para o português por Telma Franco e Marina Della Valle. *Épilogue*, o mesmo trecho em francês, traduzido por Michel Riaudel para elaboração de sua tese sobre Ana. *Primeira Tradução* é o texto produzido por Ana a partir de sua leitura do *Afterwards*. E *Première Traduction* é a tradução de Michel para o *Primeira Tradução* de Ana.

Cadernos de Literatura em Tradução, n. 8, p. 237-256

Afterwards

Ida Baker (LM)

On the evening of 9th January 1923 Katherine was taken from us, and on the 10th I got the telegram from Jack. The people from farm at Lisieux drove me in their cart the long distance to the station. I caught the afternoon train.

At the Priory, Jack and I were given a meal in the little room which had once been Katherine's. It had been made over to him when she died.

A friend of hers, Olga Ivanovna, who had spent much time with Katherine, was told to talk to me a little. She was very beautiful, and had loved Katherine. She tried to explain to me that love is like a great cloud around and above us all, and on Katherine's last evening she was so full of the spirit of love that she was transformed. Her face was shining with inexpressible beauty, and when she left the party in the great hall she was so full of joy that she must have forgotten her physical weakness and she ran, or tried to run, up the stairs. But the extra effort made her cough and so start the fatal haemorrhage.

They had taken Katherine to a small chapel, and the next morning I went there. Several people were walking about, and I stood beside her, as she lay in the light wooden coffin, and thought how cold and bare it looked. She would have hated that. So I fetched her brilliantly embroidered black silk Spanish shawl and covered her with it. That she would appreciate, I knew; it was somehow right.

She had been given back her original fine guest room when Murry came, and this now came mine. I spent my day there, sorting and packing all her things. Her watch and chain on the mantelpiece

I took at once. It was a symbol or pledge, which she had left me to assure me that she was still going forward and on.

When the packing was done I went into the garden to look at the Christmas roses she had spoken of, and then someone took me to see the balcony in the stable, really a little hay loft, but spread which rich carpets and cushions. We also went to the house of the children, for whom she had grieved to find them left out of the great Christmas festivities.

That evening there was a gathering of young literary men who had come from London for her funeral; some were friends I think, but others came out of curiosity or perhaps as a sign of respect. Koteliansky had been unable to get permission to travel, to his great distress. They were given a dinner at the Chalet de la Foret, and for some reason I was there too.

I remember walking up and down the garden outside the hotel with Orage, up and down, up and down. I felt that I wanted to stay with him, because of what he had been to Katherine, though I do not think he understood the need.

At the dinner we all sat at a long table. The meal started quietly, but presently, when the young men were warmed and at ease, they began discussing Katherine and making criticisms. Why had she come here? What had led to Ouspensky? How? When? I stood it as long as I could, then something made me stand up — an extraordinary thing for me to do — and tell them I did not think they should be speaking in this manner when Katherine was not there to defend or explain herself.

That broke up the party.

The next day was the 12th. In the afternoon a long procession of cars followed Katherine at crawling pace to the cemetery. I began in the car, then could not bear it and got out and walked, miles and miles very slowly. As a mark of respect it had been decided to take the longest possible way to our destination.

In the cemetery I stood beside Jack at the side of the grave, and after the coffin had been lowered, there was some delay and uncertainty. The chief mourner, it appeared, should be sprinkling something down on to the coffin. It seemed that they were waiting for Jack. He did not move. I touched his arm and he jerked away from me.

A man suggested that the Spanish shawl should be thrown down. No! I knew this must not be. Katherine had told me I was to give this to Anne Estelle Rice. Some further hesitation.

I had brought a bunch of marigolds, a flower she loved, and there were not many other flowers there for her. So I stepped forward, looked down, and dropped them in.

The service was then over.

That evening we all sat round in a kind of amphitheatre [sic], which they had built in rising circles, and an immense number of dishes were carried round to everyone. The centre stage was for the dancers, with music and many lights. When this was over, we gathered in a big room — I think in the Priory itself — and there was much talking and wine was served to everyone. I felt completely numb, as though I had been shattered, like some brittle thing, into tiny fragments as scattered and no more LM left at all.

On the other side of the room I saw Jack talking far too much and laughing hysterically, and one of the men, possibly Orage, came to me and said it would be best if I could get him away and make him go to bed. This I did.

The next day we left, and I helped him to go back to his own country. Katherine would have wanted me to look after him as much as I could.

[In Ida Baker, *Katherine Mansfield : The memories of LM*, Londres: Michael Joseph, 1971, capítulo XVIII, pp. 229-231.]

Epílogo

Tradução de Marina Della Valle e Telma Franco

Na noite do dia 9 de janeiro de 1923 Katherine foi tirada de nós, e no dia 10 eu recebi o telegrama de Jack. As pessoas da fazenda em Lisieux me levaram de charrete pelo longo caminho até a estação. Tomei o trem da tarde.

No convento, Jack e eu recebemos uma refeição no quartinho que tinha sido de Katherine. Este fora arrumado para ele depois que ela morreu.

Uma amiga dela, Olga Ivanovna, que tinha passado muito tempo com Katherine, foi chamada a conversar um pouco comigo. Ela era muito bonita e tinha amado Katherine. Ela tentou me explicar que o amor é como uma nuvem enorme que nos circunda e recobre a todos, e que na última noite Katherine estava tão plena de amor que estava transfigurada. Seu semblante estava iluminado por uma beleza indizível, e quando ela se despediu do grupo no salão, a alegria dela era tamanha que deve ter esquecido a própria debilidade física e correu, ou tentou correr, escada acima. Mas o esforço excessivo a fez tossir, o que provocou a hemorragia fatal.

Eles tinham levado Katherine para uma pequena capela, e na manhã seguinte eu me dirigi para lá. Muitas pessoas perambulavam por ali e eu fiquei a seu lado enquanto ela jazia num leve caixão de madeira, e então pensei como aquele caixão parecia frio e desguarnecido. Ela teria odiado isso. Busquei seu xale espanhol de seda negra, esplendidamente bordado, e a cobri com ele. Ela teria apreciado isso, eu sabia; por alguma razão, era a coisa certa.

Fora-lhe devolvido seu belo quarto de hóspedes depois da chegada de Murry e ele agora fora destinado a mim. Passei o dia lá, separando e embalando todas as suas coisas. Guardei logo o relógio e a corrente que estavam no consolo da lareira. Aquilo era um sím-

bolo, ou sinal, que ela deixara para mim para me assegurar de que ela continuaria a seguir em frente.

Quando já estava tudo embalado, fui ao jardim admirar as rosas de natal das quais ela tinha falado, e então alguém me levou para ver o mezanino no estábulo, na verdade um pequeno celeiro, porém recoberto com magníficos tapetes e almofadas. Visitamos também a casa das crianças, de quem ela se condoera ao constatar que tinham sido excluídas dos grandes festejos natalinos.

Naquela noite houve uma reunião de jovens rapazes literatos que tinham vindo de Londres para seu funeral; alguns eram amigos, creio eu, mas outros lá estavam por curiosidade ou talvez em sinal de respeito. Koteliansky não conseguira permissão para viajar, para sua grande aflição. Foi-lhes oferecido um jantar no Chalet de la Foret, e por algum motivo eu também estava lá.

Eu me recordo de andar pra lá e pra cá nos jardins externos do hotel com Orage; pra lá e pra cá, pra lá e pra cá. Eu sentia que queria ficar com ele em nome do que ele representara para Katherine, embora eu não ache que ele tenha compreendido tal necessidade.

No jantar todos nós sentamos numa mesa comprida. A refeição começou silenciosa, mas logo, quando os rapazes já estavam acesos e à vontade, eles começaram a conversar sobre Katherine e a fazer críticas. Por que ela tinha ido para lá? O que levara a Ouspensky? Como? Quando? Tolerei tanto quanto pude, mas então alguma coisa me fez levantar – uma atitude extraordinária para mim – para lhes dizer que eu achava que eles não deviam estar falando daquele jeito quando Katherine não estava lá para se defender ou se explicar.

Aquilo acabou com a reunião.

O dia seguinte era dia 12. À tarde, um longo cortejo de carros acompanhou o corpo de Katherine lentamente até o cemitério. Entrei em um dos carros, depois não pude mais suportar e saí; andei quilômetros e quilômetros, bem devagar. Em sinal de respeito, ficara decidido que tomaríamos o caminho mais longo até nosso destino.

No cemitério fiquei ao lado de Jack ao pé da sepultura, e depois que o caixão foi baixado houve certa demora e hesitação. O chefe da cerimônia, aparentemente, devia estar espargindo alguma coisa sobre o caixão. Pareciam estar esperando por Jack. Ele não se mexeu. Toquei seu braço e ele se afastou bruscamente.

Um homem sugeriu que o xale espanhol deveria ser lançado à sepultura. Não! Eu sabia que isso nunca. Katherine tinha me dito para dá-lo a Anne Estelle Rice. Houve mais hesitação.

Eu tinha levado um buquê de cravos amarelos, uma flor que ela amava, e não havia muitas outras flores ali para ela. Então eu me aproximei, olhei para baixo e deixei-as cair.

A cerimônia então terminou.

Naquela noite todos nós nos sentamos em roda, em um tipo de anfiteatro que eles tinham construído em círculos ascendentes, e um grande número de pratos foi passado entre os presentes. O palco central era para os dançarinos, e havia música e muita luz. Quando acabou, nós nos reunimos em um salão enorme – acho que no próprio convento – as pessoas conversaram longamente e foi servido vinho para todos. Eu me sentia completamente entorpecida, como se tivesse sido estilhaçada, feito algo quebradiço, em minúsculos fragmentos ali espalhados e não restasse absolutamente mais nada de LM.

Do outro lado do salão, Jack falava sem parar e ria histericamente, e um dos homens, possivelmente Orage, veio até mim e disse que seria melhor se eu o tirasse dali e o fizesse ir para cama. E eu fiz isso.

Partimos no dia seguinte e eu o ajudei a voltar para seu país. Katherine teria gostado que eu cuidasse dele tanto quanto pudesse.

Cadernos de Literatura em Tradução, n. 8, p. 237-256

Épilogue

Tradução de Michel Riaudel

Dans la soirée du 9 janvier 1923, Katherine nous a été enlevée, et le 10, j'ai reçu le télégramme de Jack. Les gens de la ferme de Lisieux m'ont conduit dans leur charrette jusqu'à la gare, très distante de chez eux. J'ai pris le train de l'après-midi.

Au Prieuré, on nous a donné, à Jack et moi, un repas dans la petite chambre qui avait été un jour celle de Katherine. On la lui avait cédée après sa mort.

On a demandé à une de ses amies, Olga Ivanovna, qui avait passé beaucoup de temps avec Katherine, de me parler un peu d'elle. Elle était très belle et avait aimée Katherine. Elle a essayé de m'expliquer que l'amour est comme un gros nuage autour et au-dessus de nous tous, et à propos de la dernière soirée de Katherine, elle était si remplie de l'esprit d'amour qu'elle en était transformée. Son visage rayonnait d'une inexprimable beauté, et quand elle a quitté la réunion dans le grand hall elle était si pleine de joie qu'elle a dû en oublier sa faiblesse physique et elle a couru, ou a tenté de courir, dans les escaliers. Mais l'effort extraordinaire l'a fait tousser et alors a commencé la fatale hémorragie.

Ils ont emporté Katherine dans une petite chapelle et le lendemain matin je m'y suis rendue. Plusieurs personnes y circulaient et je suis restée debout à ses côtés, tandis qu'elle reposait dans la frêle bière en bois, et je me suis dit que cela avait l'air bien froid et nu. Elle aurait détesté ça. Alors je lui ai rapporté son châle noir espagnol, en soie, aux broderies éclatantes, et je l'en ai recouverte. Cela, elle l'aurait apprécié, je le sais; c'était juste, en somme.

Elle avait été rendue à sa charmante chambre d'hôte d'origine quand Murry est arrivé, et maintenant celle-ci était devenue la

mienne. J'y ai passé mes journées, à trier et ranger toutes ses affaires. J'ai pris sa montre et la chaîne sur le manteau de cheminée. C'était un symbole et un gage, qu'elle m'avait laissés pour m'assurer qu'elle continuait à aller de l'avant.

Quand les paquets ont été faits je me suis rendue dans le jardin pour regarder les roses de Noël dont elle avait parlé, et puis quelqu'un m'a emmenée voir la mezzanine de l'écurie, en fait un petit grenier à foin, mais recouvert de riches tapis et coussins. Nous sommes allées également à la maison des enfants, en faveur desquels elle s'était plainte de constater qu'on les avait tenus à l'écart des grandes festivités de Noël.

Le soir il y a eu une réunion de jeunes écrivains qui étaient venus de Londres pour ses funérailles; certains étaient des amis je crois, mais d'autres étaient venus par curiosité ou peut-être en signe de respect. Koteliansky n'avait pu obtenir la permission de voyager, à cause de son grand état de détresse. Ils ont donné un dîner au Chalet de la Forêt, et pour quelque raison je m'y suis trouvée également.

Je me revois allant et venant dans le jardin à l'extérieur de l'hôtel avec Orage, de long en large, de long en large. Je sentais que je voulais rester avec lui, à cause de ce qu'il avait été pour Katherine, bien que je ne pense pas qu'il en comprenait la nécessité.

Au dîner nous nous sommes tous assis autour d'une longue table. Le repas a commencé rapidement, mais bientôt, quand les jeunes gens se sont échauffés, ayant pris leurs aises, ils se sont mis à discuter de Katherine et à faire des critiques. Pourquoi était-elle venue ici? Qu'est-ce qui l'avait conduite à Ouspensky? Comment? Quand? J'ai tenu aussi longtemps que j'ai pu, puis quelque chose m'a fait me lever – un fait extraordinaire pour moi – et leur dire que je ne pensais pas qu'ils devaient parler ainsi quand Katherine n'était pas là pour se défendre ou s'expliquer elle-même.

La réunion en s'est arrêtée net.

Le lendemain, c'était le 12. Dans l'après-midi une longue procession de voitures a suivi Katherine en serpentant à petits pas

jusqu'au cimetière. J'ai d'abord été dans la voiture, puis n'ai pas pu le supporter et me suis mise à marcher des miles et des miles très lentement. En signe de respect il avait été décidé de suivre le chemin le plus long jusqu'à notre destination.

Au cimetière je me suis mise près de Jack à côté de la tombe, et quand le cercueil a été descendu, il y a eu quelques flottements et atermoiements. Le maître du convoi, semble-t-il, devait jeter quelque chose sur le cercueil. Ils paraissaient attendre Jack. Il ne bougeait pas. Je lui ai pris le bras et il s'est dégagé brusquement de moi.

Un homme a suggéré que le châle espagnol devait être jeter dans la tombe. Non! Je savais qu'il ne devait pas en être ainsi. Katherine m'avait dit de le donner à Anne Estelle Rice. Il y a eu de nouvelles hésitations.

J'avais apporté un bouquet d'œillets d'Inde, une fleur qu'elle aimait, et il n'y avait là pas beaucoup d'autres fleurs pour elle. Alors j'ai fait un pas, j'ai regardé en bas, et les ai jetées dans la fosse.

L'office alors a pris fin.

Ce soir-là nous nous sommes rassemblés en rond dans une sorte d'amphithéâtre, qu'ils avaient construit en cercles de plus en plus hauts, et une grande quantité de plats sont passés parmi nous. La scène centrale était pour les danseurs, avec de la musique et beaucoup de lumières. Quand cela a pris fin, nous nous sommes réunis dans une grande salle – je crois qu'il s'agissait du Prieuré lui-même – et l'on a parlé davantage et du vin a été servi à chacun. Je me sentais complètement engourdie, bien que je fusse brisée, comme une chose fragile, en minuscules fragments comme éparpillés et qu'il ne restait plus rien de LM.

De l'autre côté de la pièce j'ai vu Jack qui parlait démesurément fort et s'éclaffait hystériquement, et l'un des hommes, sans doute Orage, vint me dire qu'il serait mieux, si possible, que je parte avec lui et le mette au lit. Ce que je fis.

Le jour suivant nous partîmes, et je l'aidai à rentrer dans son pays. Katherine m'aurait sûrement demandé de veiller sur lui de tout mon possible.

Primeira Tradução

Ana Cristina Cesar

KM acaba de morrer. LM partiu imediatamente. Ao chegar ao mosteiro jantou com Jack no quarto que ela ocupara nos últimos meses. Olga Ivanovna veio conversar um pouco e tentou explicar que o amor é como uma grande nuvem que a tudo rodeia e que na última noite KM estava transfigurada pelo amor. O seu rosto brilhava e ela deve ter se esquecido do seu estado porque ao deixar o grupo no salão começou a subir a escada em passos largos. O esforço foi bastante para causar a hemorragia. Na manhã seguinte LM e Jack foram à capela. Havia diversas pessoas circulando. LM ficou ali ao lado dela por um tempo mas acabou indo buscar a manta espanhola e a cobriu. O resto do dia LM passou fazendo malas e embalando tudo. O relógio de ouro e a corrente ela guardou consigo conforme o combinado. À noite houve uma reunião de amigos que tinham vindo para o enterro. Antes do jantar LM andou de um lado para o outro com Orage no jardim. Durante o jantar todos se sentaram numa mesa comprida. O jantar começou em silêncio mas aos poucos a atmosfera distendeu e começaram a discutir a vida de KM. Por que ela se havia mudado para lá? O que a impelira? Quando? Como? Inesperadamente LM se levantou — fato extraordinário — e proibiu qualquer discussão sobre KM. Com isso a reunião se dispersou. No dia seguinte uma longa fila de automóveis seguiu KM a passo de tartaruga. LM acabou descendo e seguiu a pé quilômetros e quilômetros. No cemitério LM e Jack ficaram lado a lado. No último momento houve uma certa hesitação. Parece que estavam esperando que Jack fizesse alguma coisa. LM tocou a mão de Jack, e ele recuou num gesto rápido. Alguém sugeriu que a manta espanhola fosse junto. LM não deixou, lembrando outra vez o combinado. Mais hesitação. LM jogou alguns cravos antes de voltar. Na-

quela noite todos se sentaram no teatro. LM se sentiu dormente e partida em pequenos pedaços. No extremo oposto Jack falava muito e ria histericamente. Orage veio e pediu a LM que o levasse para cama, o que foi feito. No dia seguinte Jack e LM partiram para o seu país. KM teria apreciado que LM cuidasse dele o máximo possível.

[In: Ana Cristina Cesar, *A Teus Pés*, São Paulo: Brasiliense, 1982 p. 103-105]

Première Traduction

Tradução de Michel Riaudel

KM vient de mourir. LM est partie sur le champ et, en arrivant au prieuré, a dîné avec Jack dans la chambre qu'elle avait occupée les derniers mois. Olga Ivanovna est venue bavarder un peu et a essayé d'expliquer que l'amour est comme un grand nuage qui enveloppe tout et que la dernière nuit KM était transfigurée par l'amour. Son visage brillait et elle avait dû oublier son état parce qu'en laissant le groupe au salon elle s'est mise à gravir l'escalier à grands pas. L'effort fut suffisant pour provoquer l'hémorragie. Le lendemain matin LM et Jack se sont rendus à la chapelle. Il y avait là plusieurs personnes qui allaient et venaient. LM l'a veillée un moment mais elle a fini par aller chercher la mantille espagnole pour l'en couvrir. LM a passé le reste de la journée à faire les valises et à tout emballer. La montre en or et la chaînette, elle les a gardées pour elle comme convenu. Le soir, quelques amis venus pour l'enterrement se sont réunis. Avant le dîner LM a arpenté le jardin en compagnie d'Orage. Pour le dîner tous ont pris place autour d'une longue table. Le dîner a commencé en silence mais peu à peu l'atmosphère s'est

détendue et ils se sont mis à discuter la vie de KM. Pourquoi était-elle venue s'installer ici? Qu'est-ce qui l'y avait poussée? Quand? Comment? Sans qu'on s'y attendît LM s'est levée – fait extraordinaire – et a interdit toute discussion sur KM. Du coup la réunion s'est dispersée. Le lendemain une longue file d'automobiles a suivi KM à pas de tortue. LM a fini par descendre et a continué à pied des kilomètres durant. Au cimetière LM et Jack sont restés côte à côte. Au dernier moment a flotté comme une hésitation. On attendait, semble-t-il, que Jack fît quelque chose. LM a touché la main de Jack, et il a reculé brusquement. Quelqu'un a suggéré que la mantille espagnole l'accompagnât. LM ne l'a pas permis, rappelant une fois de plus ce qui était convenu. Autre flottement. LM a jeté quelques œillets avant de repartir. Cette nuit-là tout le monde s'est assis dans le théâtre. LM s'est sentie fatiguée et brisée en petits morceaux. À l'extrême opposé Jack parlait beaucoup et riait de façon hystérique. Orage est venu demander à LM qu'elle l'emmenât au lit, ce qui fut fait. Le lendemain Jack et LM sont repartis dans leur pays. KM aurait apprécié que LM prît soin de lui le plus possible.